

LUCAS OTÁVIO MENDES DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DOS PREÇOS DO CAFÉ DURANTE A ABERTURA COMERCIAL
BRASILEIRA DA DÉCADA DE 90.**

**Versão Final de Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, da
Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do diploma do curso e do
título de Bacharel em Economia.**

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Grandi

Coordenador: Prof. Dr. Rafael de Vasconcelos Xavier Ferreira

São Paulo

2021

LUCAS OTÁVIO MENDES DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DOS PREÇOS DO CAFÉ DURANTE A ABERTURA COMERCIAL
BRASILEIRA DA DÉCADA DE 90.**

**Versão Final de Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, da
Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do diploma do curso e do
título de Bacharel em Economia.**

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Grandi

Coordenador: Prof. Dr. Rafael de Vasconcelos Xavier Ferreira

São Paulo

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

DE FREITAS, Lucas Otávio Mendes

Uma análise dos preços do café durante a abertura comercial brasileira da década de 90 – São Paulo, 2021.

Área de concentração: Teoria Econômica, História Econômica.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Grandi.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

1.Café; 2. Abertura Comercial; 3. Anos 90.

Dedico este trabalho aos meus pais, Djalma (in memoriam) e Maria, meus padrinhos, Aquilino e Rosalba, e aos meus irmãos, Rodrigo, Douglas e Mateus, que estiveram comigo e deram apoio durante toda essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Guilherme Grandi, pelas orientações e conselhos durante o desenvolvimento deste trabalho;

Ao Prof. Dr. Fernando Postali, pelas conversas e orientações durante a formulação do projeto de pesquisa que originou este trabalho;

Aos meus amigos, que me auxiliaram desde o início desta jornada;

A todos os professores e funcionários que estiveram presentes durante minha jornada de formação.

“Aqueles que se sentem satisfeitos sentam-se e nada fazem. Os insatisfeitos são os únicos benfeitores do mundo.”

Walter S. Landor.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VIII
ABSTRACT	IX
1. INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO.....	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 SOBRE O CONTEXTO ECONÔMICO E HISTÓRICO DO BRASIL NOS ANOS 90..	11
2.2 O MERCADO DE CAFÉ.....	14
3. DESENVOLVIMENTO	18
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO: O PLANO REAL, SEU IMPACTO E AS CRISES EXTERNAS DA DÉCADA DE 90	18
3.2 MÉTODO, DADOS E TRATAMENTO	20
3.3 ANÁLISE GRÁFICA	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
APÊNDICE 1 – CONVERSÃO E DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ DISPONIBILIZADOS PELA COOXUPÉ DE 1990 À 1994 – TABELA COMPLETA..	38
APÊNDICE 2 – DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ DISPONIBILIZADOS PELA COOXUPÉ DE 1994 À 1998 – TABELA COMPLETA	39
APÊNDICE 3 – CONVERSÃO E DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ DISPONIBILIZADOS PELO CCCV DE 1990 À 1994 – TABELA COMPLETA.....	40
APÊNDICE 4 – DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ DISPONIBILIZADOS PELO CCCV DE 1994 À 1998 – TABELA COMPLETA.....	41

RESUMO

Este projeto busca analisar, tendo a taxa de câmbio como ferramenta de referência, se as mudanças nos anos 90 de política comercial, seguidas de uma reforma monetária, impactaram o preço do café, *commodity* na qual o Brasil é líder de exportações desde o século XIX. É necessário, então, realizar um levantamento histórico para entender qual era o contexto do mercado cafeeiro no Brasil nas décadas anteriores e na década de 90, assim como das políticas macroeconômicas e comerciais do período. Através do foco no desenrolar da abertura comercial dos anos 90, será buscado analisar qual foi o impacto desta no setor e nos preços do café, que antes fora utilizado como principal ferramenta de manutenção da estabilidade macroeconômica doméstica e de controle do valor externo da moeda nacional, e agora possuía “liberdade” para lidar com as mudanças do mercado. Com o decorrer da análise, através dos preços disponibilizados pelo CCCV e Cooxupé, convertidos ao Real e deflacionados pelo IPA, é possível perceber o setor cafeeiro reagindo aos choques da economia internacional e da reforma monetária, o que demonstra o impacto das mudanças dos anos 90 nos seus preços, e não mais sendo manipulado para que pudesse “cooperar” com o valor da moeda brasileira.

Palavras-chave: Café; abertura comercial; anos 90; economia brasileira; história econômica;

Classificação JEL: F1; F10; Q17; N01; N16.

ABSTRACT

This project seeks to analyze, using the exchange rate as a reference tool, if the changes in trade policy in the 1990s followed by a monetary reform impacted the price of coffee, a commodity in which Brazil has been a leader in exports since the century XIX. Therefore, it is necessary to carry out a historical survey in order to understand the context of the coffee market in Brazil in the previous decades and also during the 1990s, as well as the macroeconomic and trade policies of the period. Through the focus on the unfolding of trade liberalization in the 1990s, it will be sought to understand what was the impact of this on the sector and on coffee prices, which was previously used as the main tool for maintaining domestic macroeconomic stability and controlling the external value of the national currency, and now had “freedom” to deal with market changes. During the analysis, through the prices provided by the CCCV and Cooxupé, converted to the Real currency and deflated by IPA, it is possible to see the coffee sector reacting to the shocks of the international economy and monetary reform, which demonstrates the impact of the changes in the 1990s in their prices, and no longer being manipulated so that it could “cooperate” with the value of the Brazilian currency.

Keywords: Coffee; trade liberalization; 90's; Brazilian economy; economic history;

JEL classification: F1; F10; Q17; NO1; N16.

1. INTRODUÇÃO

Dentro do currículo dos cursos de Economia em geral, é necessário entender como a Economia Cafeeira se construiu no Brasil do século XIX, tornando o café um dos protagonistas da história econômica brasileira. Por conta disso, o café ainda esteve presente em momentos importantes durante a chamada “República Velha” e também durante o governo de Vargas, vindo a exercer um importante papel para auxiliar a estabilidade macroeconômica brasileira durante o século XX. Mas além de sua história, ele ainda possui importância para nosso país, mantendo o Brasil na posição de líder mundial de exportações do café (CONAB, 2021)¹.

A análise dos anos 90 acaba sendo extremamente rica para a história econômica brasileira e também para o café, dado que, desde a implementação do Plano Real, que foi antecedida pela Abertura Comercial, a economia brasileira tem experimentado oscilações nos fatores que influenciam diretamente a taxa de câmbio, de acordo com Marques e Mello (1999, p.21). Adicionalmente, os autores complementam que, do ponto de vista da comercialização, a questão torna-se importante porque é difícil para quem produz *commodities* ajustar rapidamente sua produção às alterações de mercado.

Por isso, analisar como o mercado e os preços do café se comportaram neste período tão rico em mudanças e impactos nas políticas econômicas do Brasil, principalmente após a abertura comercial que se voltou para o mercado das importações brasileiras, é como uma retomada de contexto histórico do café, dado que, segundo Silva (2000, p.9), o café representa para o Brasil uma cultura social por excelência, promovendo a formação de cidades, fixando mão de obra, atraindo empresas de comércio e serviços, e, por fim, gerando riqueza.

1.1 OBJETIVO

O presente trabalho buscará:

- Avaliar o desempenho dos preços do café durante a década de 90, após a abertura comercial brasileira;
- Avaliar, como instrumento de referência, o comportamento do índice da taxa de câmbio real efetiva do mesmo período.

¹ Conab: Companhia Nacional de Abastecimento. 2021. Safra Brasileira de Café. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para que seja possível realizar uma análise do impacto da Abertura Comercial dos anos 90, via câmbio, nos preços do mercado do Café, identificou-se na literatura dois importantes pontos de partida: qual era o contexto econômico e histórico do Brasil nos anos 90 e como estava o mercado de café nos anos anteriores a década de 90.

2.1 SOBRE O CONTEXTO ECONÔMICO E HISTÓRICO DO BRASIL NOS ANOS 90

A abertura comercial brasileira

Buscando sintetizar o contexto que levou ao processo de abertura comercial nos anos 90, Silva (2004, pp. 5-7) analisa que, por muito tempo, o modelo de substituição de importações, defendido por economistas como Raúl Prebisch e Paul Singer, constituiu a principal estratégia de desenvolvimento dos países da América Latina. No Brasil, essa estratégia esteve associada ao argumento de que uma economia relativamente fechada durante alguns anos possibilitaria o desenvolvimento da indústria local, também chamada de indústria nascente, graças ao alto grau de proteção à concorrência internacional.

A autora ainda complementa que, após algumas décadas com a presença deste modelo, o mesmo perdeu sua relevância como estratégia de crescimento do país e passou a ser alvo de críticas que mencionavam as ineficiências produtivas e alocativas geradas por ele e, com isso, acabou sendo substituído pela introdução de uma ampla reforma no fim da década de 80 na política comercial brasileira. Então, no ano de 1988, a economia brasileira deu início ao processo que a tornaria mais aberta ao mercado exterior, dividindo as medidas desta nova política em duas fases. Na primeira, que corresponde aos anos de 1988 e 1989, o governo buscou eliminar as parcelas redundantes das tarifas de importação e, na segunda, agora sob o comando do governo de Fernando Collor, iniciado no de 1990, o processo de abertura foi bastante aprofundado: o Governo Collor começou com diversas medidas que buscavam aumentar a exposição brasileira à concorrência internacional, com isso, implementou um programa de desgravação tarifária gradual com redução generalizada de alíquotas e de sua dispersão, buscou extinguir as barreiras não-tarifárias remanescentes, eliminou alguns regimes aduaneiros especiais e, por último, buscou estabelecer um regime de câmbio com taxas flutuantes.

Pereira Junior (2005, p.1) também analisa que, por conta do aumento da volatilidade a partir dos anos 70, que foi quando o mundo voltou a um sistema de taxas de câmbio relativamente

flutuantes, novos produtos financeiros foram criados para servir de ferramentas no gerenciamento de risco. Já no Brasil, o autor complementa que essa tendência mundial de “management risk” se intensificou no final dos anos 80 e início da década de 90, com o desenrolar da abertura comercial e financeira brasileira e ganhou continuidade com o surgimento do câmbio flutuante no final dessa década. Com isso, houve um aumento da exposição das empresas brasileiras à volatilidade cambial, o que veio a proporcionar lucro a algumas empresas e prejuízo a outras.

Silva (2004, p.7) nos mostra então que, após todas essas mudanças, iniciadas no ano de 1988 e aprofundadas no início da década de 90, o processo de Abertura Comercial finalmente estava ocorrendo na economia brasileira. Através dos dados de Silva (2000), podemos ver o impacto das medidas na evolução do grau de abertura do Brasil nos anos da reforma/abertura: O grau de abertura médio evoluiu de 3,63% no período de 1985/88 para 6,53% em 1989/93, 10,6% em 1994/97 e 12,16% em 1998/00. Além dela, Green (2001) encontrou porcentagens bem similares para a evolução da penetração de importações no final da década de 90, saltando de 5,5% em 1990 para 10,7% no final da década.

Para Silva, é importante ressaltar que essa tendência de aumento das importações da década de 90 ocorreu também por conta da política cambial adotada, que a partir do ano de 1994, se alterou por conta do processo de apreciação da moeda nacional como parte do plano de estabilização realizado pelo Plano Real. De acordo com a autora, enquanto as importações cresciam a taxas significativas, as exportações tiveram apenas um modesto crescimento na década de 90. Como consequência disso, em 1995 houve uma reversão da balança comercial brasileira, que estava positivo desde o início dos anos 80.

Por outro lado, de acordo com Pereira Junior (2005, p.3), é possível ver que o processo de abertura comercial provocou uma verdadeira mudança estrutural na economia brasileira. Sendo reforçada pela valorização de câmbio, a abertura levou a um crescimento expressivo das importações, que não foi seguido pelo mesmo aumento nas exportações, como esperavam as teses ortodoxas. Além disso, o autor continua ao dizer que houve também o deslocamento da demanda de produtos domésticos para os produtos importados, incrementando a propensão a importar da economia brasileira, até então protegida da competição internacional.

Ao avaliar com mais detalhe o contexto da política de gestão cambial dos anos 90, Roett (2021, pp. 598-606) avalia que, à medida que o Brasil se afastava dos 21 anos de domínio militar, a redução da inflação crônica se tornava a principal ênfase da política econômica. Vários

programas de choque heterodoxos foram tentados e falharam, mas, por algum motivo, a economia continuou a funcionar, o que explica em grande parte o motivo pelo qual os esforços iniciais de mudança estrutural falharam, de acordo o autor.

Roett continua dizendo que após 1993 o Brasil finalmente havia encontrado uma solução viável para seus problemas de inflação: o Plano Real. A estabilização consistiu em três fases: um ajuste fiscal, uma reforma monetária e o uso da taxa de câmbio como âncora nominal. No passar do período, mesmo com alguns entraves durante o caminho, para Roett, a hora da verdade veio para o Brasil com a desvalorização na Rússia e a crise da dívida em agosto de 1998. As reservas brasileiras em moeda estrangeira vieram a cair em quantidade considerável, na medida em que o governo lutava para defender a moeda brasileira de um novo choque externo. Nem mesmo o pacote do FMI de US\$ 41 bilhões em dezembro deste mesmo ano foi suficiente para “manter” o Real onde estava e, com isso, a combinação de incapacidade de agir no campo fiscal com saídas rápidas no fluxo de capital, taxas de juros recordes e incerteza política geral forçaram o governo a aderir um novo regime cambial, de acordo com o autor.

Mesmo com a desvalorização, em 1999 a confiança dos investidores já estava prontamente restaurada pela astuta política monetária e pela tão esperada ação fiscal por parte do Congresso. Para Roett, o governo brasileiro havia ganhado o tempo necessário para preparar as mudanças estruturais necessárias no futuro para evitar outro ataque especulativo sobre a moeda brasileira.

Outro ponto interessante para a análise da economia brasileira dos anos 90 e do movimento cambial neste período se dá pela observação dos fluxos de capitais para a América Latina e para o Brasil. De acordo com Miguel (2001):

“Com a renegociação da dívida mexicana concluída em 1991 – o primeiro caso bem-sucedido de renegociação nos moldes do Plano Brady –, houve uma progressiva reinserção dos países latino-americanos no mercado de capitais internacional. O fluxo líquido de capital para a América Latina saltou de US\$ 8 bilhões anuais em média na segunda metade da década de 80 para US\$ 34 bilhões em 1990, US\$ 45 bilhões em 1991 e US\$ 65 bilhões em 1992.”

Já no Brasil, o autor afirma que houve um forte crescimento no ingresso de capitais a partir de 1992, embora o mesmo só viesse a apresentar uma dinâmica coerente e consistente de estabilização a partir de 1993, com resultados evidentes somente em 1994, com a adoção do Plano Real.

2.2 O MERCADO DE CAFÉ

O mercado de café brasileiro nas décadas anteriores a abertura comercial

Buscando analisar os importantes movimentos do mercado cafeeiro durante o século XX, que levaram o setor cafeeiro ao estado em que ele se encontrava na década de 1990, daremos início em nossa síntese nos anos 60, através de Bacha (2012, pp. 356-361), que pontua que foi na década de 1960 que a mudança de política de venda externa do Café causou importante mudança no mercado. Essa mudança consistiu, basicamente, na fixação dos preços externos do café brasileiro em função dos preços dos principais cafés concorrentes no mercado internacional, através de contratos discriminatórios de venda com os grandes torradores de café internacionais.

Mas além dessa fixação de preços, Bacha afirma que outros dois elementos foram também importantes para entender a nova política cafeeira brasileira, sendo eles: A remoção do viés antiexportador que esteve presente no Governo nos anos de 1946-1960, que fez com que as exportações não cafeeiras começassem a crescer rapidamente, e a combinação dessa mudança com um período de escassez de produção no início da década de 1970. Sintetizando então alguns pontos da análise de Bacha (2012, pp. 371-377), é possível dizer que, com essa mudança de política do mercado cafeeiro em um período onde a exportação de café já estava sendo controlada por cotas de venda², e que por várias décadas foi utilizado como ferramenta de manutenção da estabilidade macroeconômica doméstica e de controle do valor externo da moeda nacional, a relevância do mercado de café para o setor macroeconômico brasileiro, havia diminuído. O que pode ser visto como uma mudança importante do mercado de café, levando em conta todo seu contexto, como relembra Delfim Netto (2020):

“Naquele tempo, “café era câmbio”, como ensinou o nosso grande mestre, Eugênio Gudin. As variações dos seus preços produziam flutuações internas de grande amplitude e incertezas insuperáveis para as outras atividades domésticas e para as incipientes atividades exportadoras de outros produtos agrícolas. E, muito mais, sobre a nossa, ainda em gestação, atividade industrial.”

Após isso, com o fracasso em alcançar um consenso para um novo Acordo Internacional do Café, no ano de 1972, o então ministro Delfim Netto, juntamente de Andrade Pinto, perceberam uma oportunidade de buscar estabelecer sua própria estratégia para a regulação do mercado

² O autor explica que, após a criação do sistema de cotas, em 1962, que incluiu quase todos os países produtores de café e que promoveu a criação da Organização internacional do Café (OIC), tal sistema veio a ser extinto, no ano de 1972, por falta de consenso entre os países na hora de firmarem novas cotas para a venda do café.

internacional de café pelos principais países produtores, de acordo com Bacha (2012, pp. 377-379). De maneira sintética, a estratégia consistiu na criação de um novo grupo, chamado Grupo de Genebra, que buscou operar como um comitê coordenador-geral para 21 países produtores membros do Acordo Internacional do Café, onde foi estabelecido um acordo voluntário para restringir as exportações de forma a sustentar os preços mundiais.

O autor continua sua análise dizendo que essa estratégia foi levada ao seu limite em 1973, com o anúncio do Instituto Brasileiro do Café (organização presente na economia brasileira desde 1952 como uma agência regulatória do mercado cafeeiro) cancelando todos os contratos de vendas existentes na época. Um dos principais problemas dessa estratégia foi que a Colômbia, também uma das principais produtoras de café no mundo, não estava de acordo com as medidas tomadas pelo Brasil e não mudou seu posicionamento no mercado, decisão que, combinada com a desaceleração da economia mundial em 1974, levou o Brasil a voltar atrás em sua estratégia de regulação e firmar novamente seus contratos com os torradoures de café estrangeiros, fixando preços em função do comportamento de outros suaves e robustas e comprometendo-se com a venda de 10 milhões de sacas por um ano.

Um dos últimos pontos importantes da análise de Bacha (2012, pp. 380-391) que nos ajuda a entender o contexto do mercado cafeeiro nos anos 90, se encontra no desenrolar de eventos após a mais devastadora geada experimentada pela cafeicultura paranaense, em 1975, que fez com que as plantações de Café começassem a se deslocar para o norte do país, buscando fugir das condições climáticas que pudessem proporcionar eventos com a mesma magnitude ocorrida. Com isso, graças ao auxílio do governo para dar assistência aos produtores impactados pela geada, em 1979 o Brasil já se encontrava com um estoque de cafeeiros 25% do que antes da geada e Minas Gerais havia se tornado o principal estado produtor do país. Mesmo após esse deslocamento das plantações de café ter sido bem sucedido, o outro problema se encontra no fato de que a resposta de curto prazo adotada pela política cafeeira ao acontecimento foi buscar a valorização a qualquer custo, exercendo políticas questionáveis, para dizer o mínimo.

Os resultados dessa resposta, complementa o autor, acabaram sendo nada favoráveis, levando a uma redução do nível de exportação brasileiro para 10 milhões de sacas em 1977, o menor nível desde a Segunda Guerra e uma queda drástica dos preços do café no ano de 1978. Foi a partir desse momento que o setor cafeeiro começou a caminhar para sua desregulamentação, buscando reconquistar a parcela do mercado perdida nos anos anteriores pela má gestão de políticas para o mercado do café, buscando lidar também, nesse período, com o fim da ditadura militar em 1985 e pelos Planos Cruzado I e II no fim dos anos 90

O mercado de café brasileiro nos anos 90

Já em março de 1990, Bacha (2012, pp. 392-395) afirma que o então presidente Fernando Collor finalmente completou a desregulamentação do setor cafeeiro, extinguindo o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e fixando em zero o valor da cota de contribuição, permitindo que as exportações fossem livremente registradas. Essa desregulamentação foi iniciada em 1987, com as medidas tomadas por Jório Dauster, presidente do Instituto Brasileiro do Café durante o período chamado “Choque de liberdade”. Nesse período, ocorreram algumas mudanças de política comercial que buscavam estabilizar o setor cafeeiro pós-Plano Cruzado, e então, no ano de 1989, uma falta de alinhamento entre os países para a formulação de um novo Acordo Internacional levou ao fim do mesmo. O autor continua pontuando que, após quase um século de estrita regulamentação governamental, o setor do café estava finalmente livre para competir no mercado, a secular política brasileira de valorização do café havia acabado.

Além dessa perspectiva mais histórica, temos também alguns pontos interessantes na análise de mercado deste período, como por exemplo na análise de Sousa Ribeiro, de Souza e Rogers (2006, p. 14), que destacam o fato de que os países produtores de café, no início da já mencionada década de 90, faturavam entre 10 e 12 bilhões de dólares com o café, com as vendas no varejo nos Estados Unidos somando 30 bilhões de dólares. Uma década mais tarde, os produtores, apesar dos aumentos consecutivos na produção, recebem apenas 5,5 bilhões de dólares, enquanto as vendas no varejo norte-americano passaram a somar 70 bilhões de dólares, de acordo com os dados disponibilizados pela UNCTAD (2002)³. Dito isso, outro ponto relevante é demonstrado por Silva (2001, pp. 26-31), que aponta, através de regressões dos dados da mudança da estrutura tarifária brasileira decorrente do período de abertura comercial, que o setor de Torrefação e moagem de café foi um dos únicos que se beneficiou da adoção de políticas comerciais mais flexíveis. Por último, buscando sintetizar as mudanças do período dos anos 90 em diante, não só no Brasil, mas no mundo, os autores Nishijima, Saes e Postali (2021, p. 71) dizem:

“O mercado mundial de café apresentou expressivas modificações a partir dos anos 90, particularmente do lado da oferta, com o crescimento de cerca de 30% da produção mundial entre 1990 e 2010 (ICO, 2010)⁴. O principal estímulo a esse crescimento foi a

³ UNCTAD Apud. de Sousa Ribeiro, K. C., de Sousa, A. F., & Rogers, P. "Preços do café no Brasil: variáveis preditivas no mercado à vista e futuro." *REGE Revista de Gestão* 13.1 (2006): 11-30.

⁴ INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION (ICO). Statistics. Historical Data. Disponível em: <<http://www.ico.org>>. Acessado em: 2010

elevação dos preços, em decorrência de sérios problemas climáticos nas regiões produtoras na década de 90, que, aliada às baixas barreiras à entrada, resultou em forte crescimento do parque cafeeiro na maioria dos países produtores.”

Com isso, é possível ter uma ideia, tanto da parte histórica de eventos quanto da parte mercadológica, de como se encontrava o mercado de café e a economia brasileira nos anos 90 e, além disso, quais foram os fatores que possibilitaram tal resultado neste período.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO: O PLANO REAL, SEU IMPACTO E AS CRISES EXTERNAS DA DÉCADA DE 90

Após o fracasso do Plano Collor, que buscava estabilizar a economia brasileira e lidar com a inflação descontrolada, houve o impeachment do e então presidente Fernando Collor, em 1992, sob acusações de corrupção. Era a vez do Plano Real buscar resolver o problema que assombrava o país ao longo das décadas. Para delinear o Plano Real, executado no governo Franco em 1994, iremos recorrer à análise de Edmar Bacha (2012), que foi um dos membros formuladores do plano junto com o então ministro da época, Fernando Henrique Cardoso.

Bacha (2012) inicia sua análise dizendo que o Plano Real, tendo como base a proposta de reforma monetária conhecida na literatura como Larida, dos autores André Lara Resende e Pérsio Arida (1986), foi uma reforma monetária de origens genuinamente domésticas e sem o apoio do FMI, que conseguiu ser bem-sucedido para acabar com a inflação brasileira em três importantes passos, sendo eles: Equilibrar o orçamento fiscal operacional, por intermédio de cortes profundos na proposta orçamentária para 1994 e, após isso, converter todos os contratos, através da negociação de preços e salários, para a Unidade Real de Valor (URV), que seria uma unidade de valor no primeiro momento e só depois se tornaria um meio de pagamento, para alinhar os preços relativos mais importantes da economia, uma vez que a existência de contratos indexados, com indexadores e datas de reajuste diferentes implicava uma grande dispersão de preços a qualquer momento, além disso, a URV manteria a paridade semifixa de R\$ 1 = US\$1. Somente com a estabilização dos preços em URV, foi que, em 1º de julho de 1994, o Banco Central passaria a emitir a nova moeda para realizar a conversão, o Real.

O autor finaliza sua análise dizendo que, sem a necessidade de congelamentos de preços e salários, sem nenhum tipo de confisco de ativos financeiros, sem recessão e com políticas monetária e cambial flexíveis, o Plano Real seria a primeira tentativa bem sucedida para combater a herança inflacionária existente no país.

Logo após o sucesso do Plano Real, o então ministro Fernando Henrique se candidataria à presidência e sem grandes dificuldades, se tornaria o Presidente do Brasil por dois mandatos, de 1995 até o ano de 2002. Porém, a década de 90 estava longe de acabar e, por isso, dedicaremos nossa análise agora ao desenrolar das crises do México (1994), do Sudeste

Asiático (1997) e da Rússia (1998) buscando entender o impacto dessas na economia brasileira pós-Plano Real.

Pastore, Gazzano e Pinotti (2014, pp. 136-156) iniciam dizendo que a reforma monetária do Plano Real era somente o começo da estabilização e que a criação de uma âncora nominal era mais do que necessária para prender o nível de preços, além disso, Dornbusch (1985) reforça a necessidade de uma reforma fiscal para alcançar a devida estabilização. Partindo disso, para reforçar a necessidade de agir no campo da política fiscal, é preciso lembrar que, após um brevíssimo período logo após a execução do plano, o real se valorizou e o Brasil optou por uma forma de regime de câmbio semifixo, que agia com bases nas chamadas bandas cambiais. Logo, como o objetivo principal da política monetária foi a defesa deste câmbio semifixo, tal política produziu significativo crescimento da dívida pública. Entre 1994 e 1999, Pastore, Gazzano e Pinotti ressaltam, que foi quando o câmbio “fixo” finalmente fora abandonado, ocorreu uma forte entrada de capitais no país, porém essa tendência acabou sendo fortemente afetada ao contágio das crises externas, sendo a do Sudeste Asiático e a da Rússia as mais devastadoras para os fluxos da economia brasileira.

Os autores continuam sua análise citando o fato de que, em 1994, enquanto FHC ainda era somente candidato à presidência, ocorreu a crise mexicana, que acabou por gerar uma perda em torno de US\$10 bilhões nas reservas brasileiras e que poderia ter sido ainda maior se, como reação do Banco Central, a taxa Selic não tivesse sido altamente elevada em 1995 para cerca de 65%. Com a retomada de uma certa estabilidade e da queda dos juros, em setembro de 1997 a crise do Sudeste Asiático acaba por gerar uma perda de US\$ 18 bilhões nas reservas e, novamente, o Banco Central vendeu reservas para manter o câmbio e elevou a SELIC de 22% em setembro para 43,2% em outubro.

Porém, logo em 1998, a crise russa acabou por gerar fluxos ainda mais negativos e um período de reservas ainda mais longo, tendo o maior problema no fato de que dessa vez, nem mesmo o aumento da SELIC conseguiu compensar os fluxos negativos, que se mantiveram até o abandono do regime de câmbio semifixo e prejudicaram ainda mais a relação dívida/PIB brasileira, que foi de 30,4% do PIB em 1994 para 50,6% do PIB em 2001, de acordo com os autores. O maior problema desse período, é de que as reações do Brasil através da elevação da SELIC acabavam por agravar a sustentabilidade da dívida pública e, há também o grande impacto ao nível de reservas, requerendo um esforço fiscal que não foi feito.

Mesmo com um pacote fiscal anunciado em 1997, para Pastore, Gazzano e Pinotti, suas medidas eram todas inócuas, e, portanto, estavam criadas as condições para que o país não conseguisse mais resistir a um novo ataque especulativo, que foi o que veio a ocorrer em 1998 com a crise russa, com isso, o regime de câmbio semifixo estava morto. Era necessário criar uma nova âncora nominal. Após esse período, Pastore, Gazzano e Pinotti (2014, pp. 158-164) finalizam dizendo que FHC determinou então um novo regime econômico, que seria fundamentado em três pilares: Metas para os superávits primários, voltados para o objetivo de reduzir a relação dívida/PIB; câmbio flutuante; e metas de inflação, ficando conhecido como Tripé Macroeconômico.

Já em 1998, com a introdução do Plano de Estabilidade Fiscal, Oliveira e Turolla (2003, pp.199-214) apontam que, em outubro do mesmo ano, o governo começou então a estipular o patamar de superávit primário do setor público necessário para a estabilização da razão dívida/PIB, já buscando alcançar um melhor resultado para a dívida. Além disso, os autores complementam que o país apresentou uma recuperação notável pós-crise em 1999 e, mesmo submetida a intensos choques domésticos e externos a partir de 2001, a economia brasileira, sob o novo regime econômico, apresentou taxa de crescimento relativamente estável de 1,5% ao ano em 2001 e 2002.

3.2 MÉTODO, DADOS E TRATAMENTO

Para que fosse possível realizar a análise proposta neste trabalho, foram selecionados dados dos anos de 1990 à 1998, disponibilizados por cooperativas comerciais e centros de comércio com atuação dentro do setor cafeeiro no período mencionado. Para a proposta estabelecida, foram encontrados dados da Cooxupé – Cooperativa dos Cafeicultores de Guaxupé⁵ e do CCCV - Centro de Comércio de Café de Vitória⁶ com relação aos preços por saca de café (média de 60 kg por saca de café, sendo os tipos de arábica para o CCCV e também arábica de todas as qualidades para a Cooxupé), onde, para realizar a análise e também a padronizar, foram realizados os seguintes passos:

⁵ Cooxupé: Cooperativa dos Cafeicultores de Guaxupé. 2021. Preço Histórico do Café. Disponível em: <<http://portalweb.cooxupe.com.br:8080/portal/precohistoricocafe.jsp>>. Acesso em: 25 de junho de 2021.

⁶ CCCV: Centro de Comércio de Café de Vitória. 2021. Cotação: Cotações anteriores. Disponível em: <<http://www.cccv.org.br/cotacao/cotacoes-antigas/>>. Acesso em: 25 de junho de 2021.

a) Conversão das moedas do período para o Real⁷: Para os valores de janeiro de 1990 até junho de 1994, foram realizadas as conversões de moeda necessárias para que fosse possível padronizar a moeda presente na análise (o Real). Nos três primeiros meses de 1990, a moeda utilizada pelo Brasil era o Cruzado Novo, que foi substituído pelo Cruzeiro, com paridade de um para um. O Cruzeiro foi utilizado de março de 1990 até agosto de 1993, quando foi substituído pelo Cruzeiro Real. Por fim, o Cruzeiro Real teve seu “fim” oficialmente declarado no mês de julho de 1994, com a implementação do Real, porém, durante os primeiros meses deste mesmo ano, a URV (Unidade Real de Valor) já havia sido implementada como uma ferramenta inicial para a estabilização da inflação presente na época.

b) Deflação dos valores após a conversão para o Real: Uma vez que a moeda foi padronizada para o período de análise (1990-1998), foi realizada a deflação dos valores transformados para Real e também dos valores já em Real, disponibilizados pela Cooxupé e pelo CCCV. Através dos valores do IPA – Índice do Produtor Amplo⁸, disponibilizado pelo Banco Central em seu banco de dados de séries temporais e que têm como finalidade a análise das variações de preços de produtos agrícolas e industriais, foi possível realizar a deflação das séries de preços do café, tomando como base o início do Plano Real, tornando os preços do café (antes e após Plano Real) constantes a níveis de junho de 1994 (último mês de utilização da URV antes da implementação do Real).

Uma vez que os passos acima foram aplicados⁹, foram encontrados os seguintes preços para o café:

Tabela 1 – Preços do café pela Cooxupé, após conversão e deflação dos valores

Data	Preço Deflacionado em R\$	Data	Preço Deflacionado em R\$	Data	Preço Deflacionado em R\$
jan/90	63,06	jan/93	62,68	jan/96	105,90
fev/90	67,46	fev/93	58,70	fev/96	118,61
mar/90	77,42	mar/93	60,12	mar/96	114,56
abr/90	69,05	abr/93	47,96	abr/96	105,66

⁷ Banco Central do Brasil. 2021. Acesso à informação.

Disponível em:

<<https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>>.

Acesso em: 10 de novembro de 2021.

⁸ Banco Central do Brasil: Sistema Gerenciador de Séries Temporais. 2021. Atividade Econômica.

Disponível

em:

<<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>.

Acesso em: 10 de novembro de 2021.

⁹ Para mais detalhes e visualização de cada um dos passos, consultar os Apêndices.

mai/90	65,18	mai/93	50,50	mai/96	110,54
jun/90	59,01	jun/93	50,51	jun/96	94,07
jul/90	52,87	jul/93	55,45	jul/96	77,33
ago/90	62,12	ago/93	62,31	ago/96	81,14
set/90	58,67	set/93	60,32	set/96	85,46
out/90	52,57	out/93	61,95	out/96	84,63
nov/90	47,51	nov/93	61,34	nov/96	84,79
dez/90	56,65	dez/93	62,07	dez/96	87,49
jan/91	57,92	jan/94	60,72	jan/97	113,20
fev/91	63,92	fev/94	63,34	fev/97	137,99
mar/91	65,25	mar/94	64,58	mar/97	142,10
abr/91	63,96	abr/94	77,31	abr/97	152,11
mai/91	58,43	mai/94	96,74	mai/97	158,32
jun/91	55,71	jun/94	109,82	jun/97	149,65
jul/91	51,28	jul/94	186,90	jul/97	128,24
ago/91	46,23	ago/94	156,90	ago/97	139,74
set/91	53,29	set/94	162,40	set/97	145,50
out/91	53,05	out/94	138,36	out/97	135,49
nov/91	50,52	nov/94	121,67	nov/97	148,48
dez/91	45,52	dez/94	111,66	dez/97	147,21
jan/92	52,41	jan/95	119,55	jan/98	161,93
fev/92	48,92	fev/95	114,83	fev/98	160,55
mar/92	53,10	mar/95	126,28	mar/98	138,44
abr/92	49,40	abr/95	119,66	abr/98	125,00
mai/92	43,21	mai/95	120,13	mai/98	104,63
jun/92	42,50	jun/95	109,58	jun/98	94,13
jul/92	44,99	jul/95	103,55	jul/98	84,91
ago/92	37,82	ago/95	107,16	ago/98	91,43
set/92	40,87	set/95	101,38	set/98	80,88
out/92	53,41	out/95	99,05	out/98	78,71
nov/92	55,72	nov/95	97,99	nov/98	85,79
dez/92	70,92	dez/95	90,92	dez/98	92,01

Fonte: Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pela Cooxupé e pelo Banco Central do Brasil.

Tabela 2 – Preços do café pelo CCCV, após conversão e deflação dos valores

Data	Preço Deflacionado em R\$	Data	Preço Deflacionado em R\$	Data	Preço Deflacionado em R\$
jan/90	44,28	jan/93	55,94	jan/96	100,23
fev/90	50,69	fev/93	52,78	fev/96	111,90
mar/90	51,54	mar/93	45,62	mar/96	110,13
abr/90	50,18	abr/93	42,40	abr/96	105,47
mai/90	48,05	mai/93	43,34	mai/96	96,29

jun/90	46,64	jun/93	42,09	jun/96	83,31
jul/90	43,04	jul/93	48,68	jul/96	67,97
ago/90	37,21	ago/93	55,92	ago/96	74,60
set/90	45,47	set/93	51,99	set/96	78,85
out/90	40,23	out/93	49,42	out/96	72,23
nov/90	34,36	nov/93	51,33	nov/96	68,91
dez/90	37,97	dez/93	49,69	dez/96	68,34
jan/91	41,79	jan/94	52,36	jan/97	88,36
fev/91	45,24	fev/94	53,32	fev/97	104,50
mar/91	48,18	mar/94	57,70	mar/97	100,35
abr/91	48,55	abr/94	64,35	abr/97	109,48
mai/91	46,43	mai/94	86,71	mai/97	110,76
jun/91	48,66	jun/94	101,58	jun/97	115,48
jul/91	42,76	jul/94	144,73	jul/97	107,02
ago/91	38,33	ago/94	125,35	ago/97	110,76
set/91	40,96	set/94	124,14	set/97	114,35
out/91	38,18	out/94	113,97	out/97	119,17
nov/91	35,01	nov/94	92,55	nov/97	117,20
dez/91	40,91	dez/94	87,13	dez/97	127,95
jan/92	36,99	jan/95	95,53	jan/98	142,78
fev/92	35,40	fev/95	97,37	fev/98	140,85
mar/92	40,21	mar/95	109,63	mar/98	124,73
abr/92	38,28	abr/95	109,79	abr/98	112,42
mai/92	37,34	mai/95	110,16	mai/98	93,52
jun/92	35,17	jun/95	102,27	jun/98	81,61
jul/92	38,05	jul/95	100,14	jul/98	76,02
ago/92	33,31	ago/95	101,67	ago/98	82,01
set/92	34,29	set/95	96,64	set/98	72,97
out/92	44,64	out/95	96,39	out/98	72,46
nov/92	46,04	nov/95	93,07	nov/98	77,61
dez/92	57,69	dez/95	84,09	dez/98	79,04

Fonte: Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pelo CCCV e pelo Banco Central do Brasil.

Para complementar as informações das tabelas de preços acima, foi gerada uma tabela complementar, que busca resumir as variações de preço através de uma média anual, referente ao mesmo período exibido nas tabelas. Portanto, obtém-se os seguintes dados:

Tabela 3 – Média anual dos preços ajustados da Cooxupé e CCCV

Cooxupé - Média anual dos preços ajustados -		CCCV - Média anual dos preços ajustados -	
Ano	R\$	Ano	R\$
1990	60,96	1990	44,14
1991	55,42	1991	42,92
1992	49,44	1992	39,78
1993	57,83	1993	49,10
1994	112,53	1994	91,99
1995	109,17	1995	99,73
1996	95,85	1996	86,52
1997	141,50	1997	110,45
1998	108,20	1998	96,33

Fonte: Elaboração própria com base nos dados disponibilizados pela Cooxupé, CCCV e pelo Banco Central do Brasil.

Além dos preços e médias exibidos acima, será utilizado também os dados do Índice da taxa de câmbio real efetiva, ajustada pelo IPCA – Índice de Preços ao Consumidor Amplo, disponibilizado também pelo Banco Central do Brasil¹⁰. O recorte utilizado nos dados foi o mesmo dos preços do café, com início em janeiro de 1990 e fim em dezembro de 1998, para que fosse possível associar os eventos da década de 90 com um dos possíveis pontos de análise do comportamento macroeconômico, que é a taxa de câmbio, junto da análise dos preços. Os dados encontrados para o índice descrito foram os seguintes:

Tabela 4 – Índice da taxa de câmbio real efetiva, ajustada pelo IPCA

Índice da taxa de câmbio real efetiva (IPCA) -		Índice da taxa de câmbio real efetiva (IPCA) -		Índice da taxa de câmbio real efetiva (IPCA) -	
Data	Jun/1994=100	Data	Jun/1994=100	Data	Jun/1994=100
jan/90	80,32	jan/93	99,28	jan/96	70,32
fev/90	71,47	fev/93	100,47	fev/96	70,3
mar/90	66,32	mar/93	99,5	mar/96	70,35
abr/90	71,27	abr/93	101,73	abr/96	69,62
mai/90	74,1	mai/93	102,95	mai/96	69,08

¹⁰ Banco Central do Brasil – SGS: Sistema Gerenciador de Séries Temporais. 2021. Setor externo.

Disponível em: <

<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>.

Acesso em: 12 de novembro de 2021.

jun/90	72,56	jun/93	102,43	jun/96	68,71
jul/90	76,66	jul/93	101	jul/96	68,74
ago/90	75,14	ago/93	100,79	ago/96	69,44
set/90	71,46	set/93	101,1	set/96	69,35
out/90	81,02	out/93	102,38	out/96	69,36
nov/90	91,26	nov/93	101,19	nov/96	69,94
dez/90	96,86	dez/93	100,32	dez/96	69,53
jan/91	98,61	jan/94	98,91	jan/97	68,35
fev/91	94,15	fev/94	100,37	fev/97	67,35
mar/91	85,37	mar/94	99,07	mar/97	67,06
abr/91	87,1	abr/94	100,39	abr/97	66,56
mai/91	87,79	mai/94	100,94	mai/97	67,43
jun/91	85,03	jun/94	100	jun/97	67,4
jul/91	83,97	jul/94	88,96	jul/97	66,97
ago/91	82,83	ago/94	84,38	ago/97	66,66
set/91	84,37	set/94	80,46	set/97	67,64
out/91	96,91	out/94	77,62	out/97	68,54
nov/91	99,93	nov/94	74,85	nov/97	68,87
dez/91	106,25	dez/94	73,31	dez/97	68,19
jan/92	106,19	jan/95	72,1	jan/98	67,51
fev/92	104,1	fev/95	71,63	fev/98	67,94
mar/92	104,4	mar/95	76,62	mar/98	67,86
abr/92	106,33	abr/95	77,91	abr/98	68,41
mai/92	103,07	mai/95	74,72	mai/98	68,97
jun/92	104,52	jun/95	74,8	jun/98	68,81
jul/92	106,81	jul/95	74,47	jul/98	69,27
ago/92	108,15	ago/95	73,27	ago/98	70,01
set/92	107,69	set/95	72,93	set/98	72,56
out/92	106,09	out/95	73,26	out/98	74,81
nov/92	104,66	nov/95	73,97	nov/98	74,4
dez/92	103,21	dez/95	71,08	dez/98	75,26

Fonte: Elaboração própria com base nos dados disponibilizados Banco Central do Brasil.

Tabela 5 – Média anual do Índice da taxa de câmbio real efetiva, ajustada pelo IPCA

Média anual do índice da taxa de câmbio real	
Ano	
1990	77,37
1991	91,03
1992	105,44
1993	101,10
1994	89,94

1995	73,90
1996	69,56
1997	67,59
1998	70,48

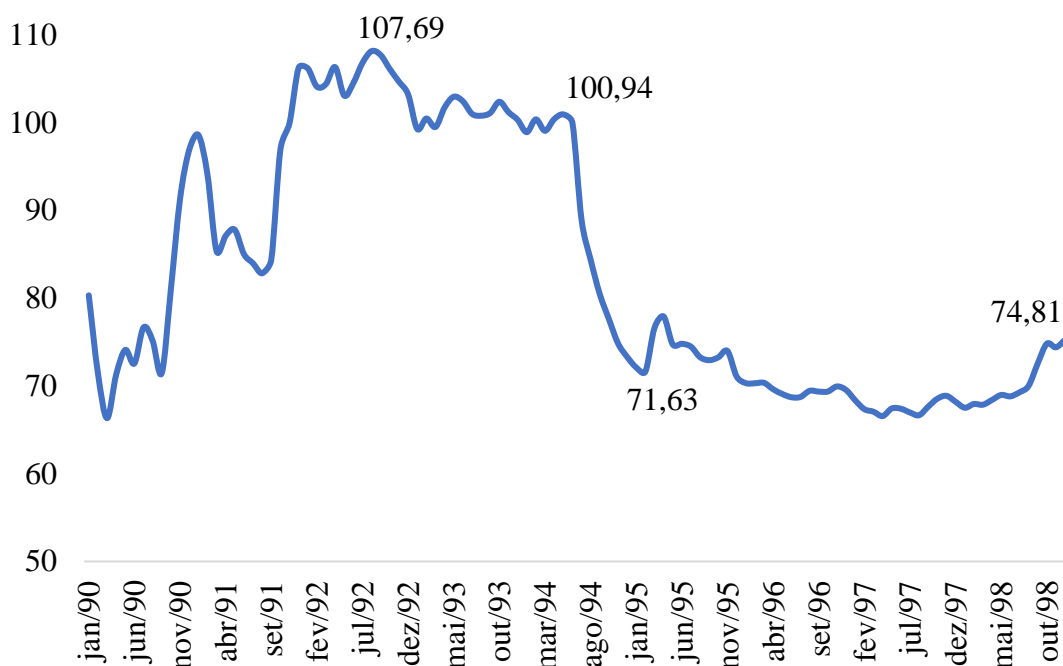
Fonte: Elaboração própria com base nos dados disponibilizados Banco Central do Brasil.

Uma vez apresentados os dados recolhidos e ajustados de forma tabular, será utilizado agora a representação gráfica destes valores no tópico seguinte, para que seja possível realizar uma análise dos preços do café e dos reflexos do desempenho econômico brasileiro nos mesmos.

3.3 ANÁLISE GRÁFICA

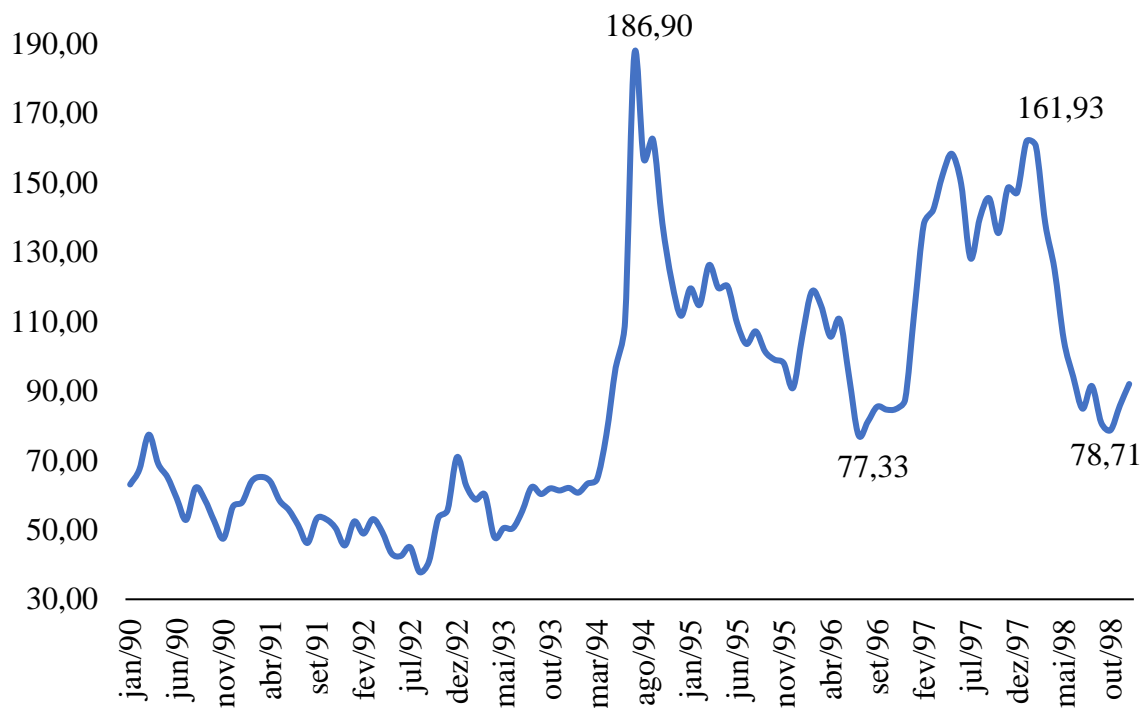
Para este ponto, a expectativa de análise é, pelo comportamento dos gráficos, entender como se comportou o setor cafeeiro ao longo dos anos 90, uma vez que a abertura comercial havia sido instaurada o Brasil estava buscando diversificar sua balança comercial através do incentivo as importações. Com isso, a ideia é que neste ponto da economia brasileira, o café, que agora estava cada vez mais “livre” das amarras que o governo brasileiro impunha para utilizá-lo como ferramenta de estabilização macroeconômica, junto da maior volatilidade da moeda importa não só pela abertura comercial, mas também pelas mudanças feitas pela estabilização do Plano Real, reaja de acordo com os choques de mercado de maneira não interventiva, como era antes. A partir do recorte dos dados e o tratamento dos mesmos, o índice da taxa de câmbio real efetiva, os preços por saca de café da Cooxupé e do CCCV apresentaram o seguinte comportamento:

Figura 1 – Gráfico da evolução do índice da taxa de câmbio real efetiva – ajustada pelo IPCA



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados pelo Banco Central do Brasil.

Figura 2 – Gráfico da evolução dos preços (ajustados) por saca de café - Cooxupé



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados pela Cooxupé

Figura 3 – Gráfico da evolução dos preços (ajustados) por saca de café - CCCV



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados pelo CCCV.

Ao observar os gráficos acima, juntamente das informações apresentadas pelo contexto histórico no início deste capítulo, é possível observar que os preços do café no início dos anos 90, com o decorrer da abertura comercial e das mudanças no fluxo de capital no país, variavam dentro de uma média comum aos anos de 90 a 93, encontrando-se em pontos de baixa com o decorrer do ano de 1992, como um provável reflexo ao choque de inflação que se alastrou ao final dos anos 80 e início dos anos 90.

Após certa recuperação durante o final de 1992 e início de 1993, os preços se estabilizaram no período que coincide a implementação do Cruzeiro Real, seguida pela implementação da URV como uma ferramenta para estabilização de preços e também do nível inflacionário já mencionado. Visivelmente, com a implementação bem-sucedida do Plano Real, que implementou uma nova moeda, devidamente valorizada e com comportamento inflacionário sob controle, os preços da Cooxupé por saca de café tiveram seu pico em R\$ 186,90, destacado no gráfico, porém, o bom momento acabou por durar pouco, uma vez que no mesmo ano de 1994, ocorreu a Crise econômica do México.

Como já mencionado anteriormente, através de Pastore, Gazzano e Pinotti, as consequências desta crise causaram perdas em torno de US\$10 bilhões nas reservas brasileiras, que neste período estava se utilizando de um regime cambial semifixo, tendo seu impacto devidamente refletido nos preços do café deste período. O impacto causado pela crise mexicana acabou perdurando até meados de 1995, onde o governo brasileiro utilizou-se de suas ferramentas para que fosse possível controlar os danos causados, e neste mesmo período, os preços do café acabaram estabilizando-se em torno dos R\$ 110.

A partir deste ponto, a análise acaba apresentando um momento que pode ser considerado, no mínimo, interessante. Durante o restante do ano de 1995 e também em 1996, é possível observar movimento cíclicos de alta e baixa nos preços do café, em outras palavras, uma certa estabilidade após os impactos dos anos anteriores, alcançada através do comportamento mais “comum” de mercado. Porém, o preço de ambas as bases se estabiliza em valores mais baixos do que a alta favorecida pela implementação do real em 1994, onde, para o Cooxupé, a média anual foi de R\$ 109,17 em 1995 e R\$ 95,85 em 1996. Já para o CCCV, as médias anuais foram de R\$99,73 em 1995 e R\$ 86,52 em 1996.

O ponto de interesse mencionado acima tem seu “pico” justamente após o ano de 1996 pois, em termos macroeconômicos de contexto histórico da economia, já mencionados no contexto histórico deste capítulo, ocorre a chama crise do Sudeste Asiático, em 1997, que acabou por causar um impacto ainda maior do que mexicana, novamente, de acordo com as informações apresentadas por Pastore Pinotti. A expectativa neste momento, de acordo com que fora observado graficamente nos anos anteriores era que o setor cafeeiro, mesmo que agora como um setor “livre” de intervenção direta por parte do governo, reaja de acordo com os choques e movimentos da economia, assim como fez com a instabilidade do início dos anos 90, com a alta pela implementação do Real e também com a queda causada pela crise mexicana.

Porém, o que acaba sendo curioso e muito interessante para a análise é que, durante o ano de 1997, ao contrário do que poderia ser esperado por conta da crise do Sudeste Asiático, o café acaba alcançando o seu ano mais próspero em termos de preços, mantendo um nível de alta semelhante ao dos anos anteriores e alcançando seu segundo ápice mensal, tanto para a Cooxupé quanto para o CCCV, em janeiro de 1998, conforme destacado no gráfico. A constância, seguida de uma alta de preços ao longo de 1997 acabou gerando, para ambas, a média anual mais alta do período analisado, sendo ela de R\$ 141,50 para a Cooxupé e R\$ 110,45 para o CCCV (com uma certa vantagem por parte da Cooxupé, conforme aponta o gráfico).

Ou seja, provavelmente, através da combinação da necessidade de ajuste por parte do setor em termos de demanda, juntamente dos esforços do governo através de outras ferramentas macroeconômicas para “estancar” o impacto da crise, sendo ainda o ano de 1997 o que apresentou a média anual mais baixa desde o início dos anos 90 em termos do índice da taxa de câmbio real, que foi o valor de 67,58. Os preços do café que, para a análise aqui presente, foram deflacionados pelo IPA – Índice ao Produto Amplo, apresentaram sua melhor média anual. Este ponto acaba por trazer fortemente o *insight* de que, em décadas anteriores, onde o café era a principal ferramenta de estabilidade para as reservas brasileiras, muito provavelmente a intervenção nos preços do café seria uma das primeiras, senão a primeira resposta por parte do governo diante da crise externa de 97, com a ideia de que uma baixa dos preços aumentaria o nível de exportação e, com isso, seguraria o nível das reservas brasileiras.

Agora, desta vez, o setor cafeeiro “livre” de intervenções, uma vez que a pauta brasileira se diversificou e a política de substituição de importações fora finalmente substituída pela abertura comercial da década de 90, reage de maneira diferente do esperado ao choque da crise externa e, em termos de preço, apresenta um ano favorável para o setor, movimento este que pode ter sido originado por mecânicas próprias dos agentes presentes no mercado (uma vez que a alta dos preços ocorre tanto para a Cooxupé quanto para o CCCV), uma vez que a intervenção governamental não tomou a “liderança” como sempre havia feito no desenrolar da história da economia brasileira. Outra possibilidade a ser mencionada é a de que os agentes do mercado de café brasileiro tenham se aproveitado do impacto da crise de 97 em países como o Vietnã, integrante do Sudeste Asiático e que nos anos 90 já “ocupava” uma das cadeiras dos maiores produtores mundiais de café, onde a demanda não tão elástica do café possa ter auxiliado esta resposta por partes dos preços neste período, que agora já não precisavam mais necessariamente alinhar-se com as necessidades do governo brasileiro.

Com isso, a análise finalmente se depara com o último ano presente no escopo dos dados, que é o ano de 1998, onde o movimento de alta, iniciado no ano anterior, se perdurou até meados do meio do ano, porém, a conturbada década de 90 ainda guardava mais uma surpresa para a economia mundial. Ainda no ano de 98, o abalo da crise do sudeste asiático no ano anterior foi mais que suficiente para que a chamada Crise Russa se instaurasse, trazendo um impacto global assim como a sua antecessora, colocando a economia brasileira “à prova” novamente. Com isso, conforme apresentado no contexto histórico deste capítulo, o Brasil se viu obrigado a abandonar o regime de câmbio semifixo, cujo esforço de estabilização deste pode ser observado pela tabela de índice da taxa real de câmbio efetiva apresentada acima. Porém, nos preços do

café, após o período de alta observado alguns meses antes, apresenta uma queda considerável, chegando a apresentar valores de preço quase que 50% mais baixos no mês de outubro de 98, indicando que ao contrário da reação a crise ao ano anterior, a economia e o café brasileiros sentiram o impacto causado pela crise russa, trazendo os preços cafeeiros de volta aos patamares apresentados alguns anos antes, após a implementação do Plano Real. Por parte do câmbio, a resposta as mudanças de regime semifixo para flutuante ao final do ano de 98 trouxeram uma resposta positiva, que pode ser observada pela alta apresentada nos valores do índice, conforme representa o gráfico, e também em sua média anual, com aumento de praticamente 5%, demonstrando o início de uma crescente após anos de estabilidade pós-queda causada pelas crises externas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos recortes apresentados pela revisão de literatura deste trabalho, foi possível “revisitar” parte da história econômica brasileira pela perspectiva do café, *commodity* com valor histórico inestimável para o Brasil. Com um maior enfoque nas décadas do século XX, foi possível visualizar o desenvolvimento do setor cafeeiro no Brasil e seus momentos de protagonismo como ferramenta utilizada para a estabilidade macroeconômica brasileira.

Na busca de ilustração do contexto histórico, o recorte literário traça caminho até meados da década de 90, onde o setor cafeeiro começa a experimentar uma maior liberdade de ação, uma vez que a instauração da abertura comercial brasileira na mesma década, e as mudanças de estratégia por parte do governo, fizeram com que a pauta diversificada por mais indústrias presentes na balança comercial brasileira, tirassem o poder de influência cafeeira em fatores como o câmbio, por exemplo. É a partir daí que a análise proposta começa a tomar forma, dado que o Brasil se manteve (e ainda se mantém) como líder na exportação do café, e agora não possuía mais “amarras” governamentais no setor.

Com isso, o período de recorte utilizado na análise, composto por vários momentos com impacto e relevância para o desenvolvimento da economia brasileira, se concentra no início dos anos 90, onde a abertura comercial teve seu início durante o Governo Collor, percorre os anos de hiperinflação até a chegada do Plano Real e a implementação da nova moeda, em julho de 1994, e depois acompanha o desenrolar de três crises externas com impacto na economia brasileira: a Mexicana (94), a do Sudeste Asiático (97) e, por fim, a Russa (98).

Com isso, para o mesmo período descrito acima, foram selecionados e recortados dados do índice da taxa de câmbio real efetiva, ajustada pelo IPCA e também dados referentes aos preços do café. Através de duas bases de dados diferentes, uma delas pertencente a Cooxupé - Cooperativa dos Cafeicultores de Guaxupé, e a outra ao CCCV - Centro de Comércio de Café de Vitória, foram realizados tratamentos nos preços selecionados, realizando a conversão de moeda dos anos anteriores ao Real, para que fosse possível padronizar a análise, e depois, para trazer uma contribuição que fosse pautada em dados reais, foi realizada a deflação dos valores do período (90-98) através do IPA – Índice ao Produtor Amplo.

Após a seleção e tratamento dos dados, conforme mencionado acima, tornou-se possível a visualização da resposta para a pergunta proposta neste trabalho: Qual foi o comportamento dos

preços do café, após a abertura comercial dos anos 90, durante os impactos ocorridos na mesma década?

Com essa questão em mente, foi possível perceber que, mesmo “livre” das intervenções do governo, o setor continuaria a responder aos choques positivos e negativos vindos da economia internacional, e pelo mercado cafeeiro, como aconteceu durante a implementação do Real, quando os preços do café analisados tiveram seu mais alto pico de preços, motivado pela estabilização econômica e controle da espiral inflacionária, que o Plano Real visou combater durante sua implementação. Porém, mesmo não sendo mais a ferramenta de estabilidade das reservas, o impacto da crise mexicana de 1994 no Brasil também teve seu reflexo nos preços do café, que apresentaram uma queda logo após o pico mencionado e que não fora convertida mesmo com os esforços do governo para controlar o choque causado, o novo nível definido para o regime de câmbio semifixo e o nível de reservas do país. Com o passar dos anos de 1995 e 1996, o preço acabou estabilizando-se em valores abaixo do estímulo causado pela implementação do Real, mas ainda acima dos níveis de preços apresentados durante a hiperinflação do início dos anos 90.

Com isso, os preços do café trazem seu momento mais surpreendente durante o ano de 1997, quando, contrariando as expectativas e o desempenho da economia brasileira no mesmo ano, apresenta seu mais alto período de preços e, portanto, sua mais alta média anual para preços do café dentro do período analisado, mesmo com a crise do sudeste asiático trazendo impactos ainda mais significativos do que a mexicana, ocorrida três anos antes.

Este momento se torna extremamente interessante para a análise, uma vez que os preços do café, de certa forma, ao “contrariarem” o esperado pela economia brasileira, talvez suportado pela queda no índice da taxa de câmbio real ou até mesmo pelo impacto da crise em países como o Vietnã, produtor mundialmente relevante do café, mostra que o setor realmente estava livre para reagir aos choques econômicos, o que não teria acontecido algumas décadas antes, onde o café seria utilizado como ferramenta de defesa a crise para controlar o câmbio e as reservas do país através de seus preços e exportação.

Mesmo com o comportamento surpreendente dos preços do café no ano de 1997 e início de 1998, a economia brasileira, já sensibilizada pelo choque da crise de 97, é colocada à prova novamente com o desenrolar da crise russa em 98, cujo impacto foi suficiente para fazer o Brasil tomar a iniciativa de mudar seu regime de câmbio semifixo para o câmbio flutuante, e os preços do café também acabam, assim como a economia brasileira, recebendo o choque recessivo,

retornando o preço do café aos níveis apresentados em anos como 1995 e 1996, encerrando o período selecionado para a análise. Pensando na pergunta proposta, a resposta mais plausível é a de que sim, os eventos da década de 90 impactaram significativamente as flutuações do preço do café brasileiro.

Portanto, através da análise realizada, é interessante perceber que, retomando as palavras de Eugênio Gudin, a partir de Delfim Netto¹¹, se “Naqueles tempos, café era câmbio”, nos anos 90, definitivamente não era mais, apesar da liderança brasileira na exportação da *commodity* continuar intacta, suas variações e reações a economia já não possuíam mais influência para ditar fatores do desempenho econômico, como havia feito durante muito tempo. A mudança de política e a abertura comercial tornaram o setor cafeeiro livre para se comportar somente com influência das ações de seus agentes, produtores e consumidores e não mais através de intervenções.

¹¹ Delfim Netto (2020), frase já mencionada anteriormente nesta análise.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIDA, Pérsio; RESENDE, André Lara. Apud. BACHA, Edmar. *Belíndia 2.0: fábulas e ensaios sobre o país dos contrastes*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.
- BACHA, Edmar. *Belíndia 2.0: fábulas e ensaios sobre o país dos contrastes*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.
- Banco Central do Brasil. 2021. Acesso à informação. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.
- Banco Central do Brasil: Sistema Gerenciador de Séries Temporais. 2021. Atividade Econômica. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.
- Banco Central do Brasil: Sistema Gerenciador de Séries Temporais. 2021. Setor externo. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.
- CCCV: Centro de Comércio de Café de Vitória. 2021. Cotação: Cotações anteriores. Disponível em: <<http://www.cccv.org.br/cotacao/cotacoes-antigas/>>. Acesso em: 25 de junho de 2021.
- Cooxupé: Cooperativa dos Cafeicultores de Guaxupé. 2021. Preço Histórico do Café. Disponível em: <<http://portalweb.cooxupe.com.br:8080/portal/precohistoricocafe.jsp>>. Acesso em: 25 de junho de 2021.
- Conab: Companhia Nacional de Abastecimento. 2021. Safra Brasileira de Café. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

- DELFIM, Antonio. O problema do café no Brasil. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, v. 50, p. 223-225. 2020.
- DE SOUSA RIBEIRO, Karém Cristina; DE SOUSA, Almir Ferreira; ROGERS, Pablo. Preços do café no Brasil: variáveis preditivas no mercado à vista e futuro. *REGE Revista de Gestão*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2006.
- DORNBUSCH, Rudi. Apud PASTORE, Affonso; GAZZANO, Marcelo; PINOTTI, Maria. (2014). *Inflação e crises: o papel da moeda*. Elsevier Brasil, p. 131-165, 2014.
- INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION (ICO). Statistics. Historical Data. Disponível em: <<http://www.ico.org>>. Acessado em: 2010
- Ipeadata. 2021. Ipeadata macroeconômico. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 25 de junho de 2021.
- NISHIJIMA, Marislei; SAES, Maria Sylvia Macchione; POSTALI, Fernando Antonio Slaibe. Análise de concorrência no mercado mundial de café verde. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 50, p. 69-82, 2012.
- MARQUES, Pedro Valentim; MELLO, PC de. Apud. DE SOUSA RIBEIRO, Karém Cristina; DE SOUSA, Almir Ferreira; ROGERS, Pablo. Preços do café no Brasil: variáveis preditivas no mercado à vista e futuro. *REGE Revista de Gestão*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2006.
- MIGUEL, Paulo Pereira. Paridade de juros, fluxo de capitais e eficiência do mercado de câmbio no Brasil: Evidência dos anos 90. 2001.
- OLIVEIRA, Gesner; TUROLLA, Frederico. Política econômica do segundo governo FHC: mudança em condições adversas. *Tempo social*, v. 15, p. 195-217, 2003.
- PASTORE, Affonso; GAZZANO, Marcelo; PINOTTI, Maria. (2014). *Inflação e crises: o papel da moeda*. Elsevier Brasil, p. 131-165, 2014.
- PEREIRA JUNIOR, Gilson Gonçalves. *Os impactos da taxa de câmbio sobre o risco financeiro de empresas multinacionais brasileiras*. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

- ROETT, Riordan. A Política de Gestão da Taxa de Câmbio nos anos 90. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 21, p. 598-606, 2021.
- SILVA, Renato Nunes da. Apud. DE SOUSA RIBEIRO, Karém Cristina; DE SOUSA, Almir Ferreira; ROGERS, Pablo. Preços do café no Brasil: variáveis preditivas no mercado à vista e futuro. *REGE Revista de Gestão*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2006.
- SILVA, Danielle Barbosa Lopes da. *Impacto da abertura comercial sobre a produtividade da indústria brasileira*. 2004. Tese de Doutorado.
- UNCTAD Apud. DE SOUSA RIBEIRO, Karém Cristina; DE SOUSA, Almir Ferreira; ROGERS, Pablo. Preços do café no Brasil: variáveis preditivas no mercado à vista e futuro. *REGE Revista de Gestão*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2006.

**APÊNDICE 1 – CONVERSÃO E DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ
DISPONIBILIZADOS PELA COOXUPÉ DE 1990 À 1994 – TABELA COMPLETA**

Tipo de moeda	Data	IPA - Var. Mensal		Conversão para Cruzeiros Reais		Inflação acumulada 90 a 94	Fator Deflacionamento	Preço Final
		Preço Nominal Cooxupé	(%)	Cruzeiros	o para Real			
Cruzado Nov	jan/90	1.197,83	73%	1,20	0,0004	14477700%	144778,00	63,06
Cruzado Nov	fev/90	2.229,40	74%	2,23	0,0008	8320953%	83210,53	67,46
Cruzado Nov	mar/90	4.657,87	82%	4,66	0,0017	4570902%	45710,02	77,42
Cruzeiro	abr/90	4.569,06	10%	4,57	0,0017	4156112%	41562,12	69,05
Cruzeiro	mai/90	4.741,11	10%	4,74	0,0017	3780681%	37807,81	65,18
Cruzeiro	jun/90	4.606,12	7%	4,61	0,0017	3522804%	35229,04	59,01
Cruzeiro	jul/90	4.604,83	12%	4,60	0,0017	3157473%	31575,73	52,87
Cruzeiro	ago/90	6.110,39	13%	6,11	0,0022	2795449%	27955,49	62,12
Cruzeiro	set/90	6.409,40	11%	6,41	0,0023	2517052%	25171,52	58,67
Cruzeiro	out/90	6.581,29	15%	6,58	0,0024	2196560%	21966,60	52,57
Cruzeiro	nov/90	7.043,68	18%	7,04	0,0026	1854717%	18548,17	47,51
Cruzeiro	dez/90	9.658,44	15%	9,66	0,0035	1612784%	16128,84	56,65
Cruzeiro	jan/91	11.882,35	20%	11,88	0,0043	1340396%	13404,96	57,92
Cruzeiro	fev/91	15.940,37	22%	15,94	0,0058	1102553%	11026,53	63,92
Cruzeiro	mar/91	17.489,74	7%	17,49	0,0064	1025815%	10259,15	65,25
Cruzeiro	abr/91	18.693,57	9%	18,69	0,0068	940761%	9408,61	63,96
Cruzeiro	mai/91	18.010,39	5%	18,01	0,0065	892134%	8922,34	58,43
Cruzeiro	jun/91	18.675,08	9%	18,68	0,0068	820194%	8202,94	55,71
Cruzeiro	jul/91	19.333,11	12%	19,33	0,0070	729375%	7294,75	51,28
Cruzeiro	ago/91	20.145,01	16%	20,15	0,0073	630934%	6310,34	46,23
Cruzeiro	set/91	26.744,61	15%	26,74	0,0097	547815%	5479,15	53,29
Cruzeiro	out/91	33.903,00	27%	33,90	0,0123	430177%	4302,77	53,05
Cruzeiro	nov/91	40.528,00	26%	40,53	0,0147	342696%	3427,96	50,52
Cruzeiro	dez/91	44.367,00	22%	44,37	0,0161	282036%	2821,36	45,52
Cruzeiro	jan/92	64.935,00	27%	64,94	0,0236	221862%	2219,62	52,41
Cruzeiro	fev/92	76.055,00	25%	76,06	0,0277	176791%	1768,91	48,92
Cruzeiro	mar/92	98.784,10	20%	98,78	0,0359	147715%	1478,15	53,10
Cruzeiro	abr/92	108.265,68	18%	108,27	0,0394	125380%	1254,80	49,40
Cruzeiro	mai/92	114.791,66	21%	114,79	0,0417	103406%	1035,06	43,21
Cruzeiro	jun/92	136.521,87	21%	136,52	0,0496	85513%	856,13	42,50
Cruzeiro	jul/92	176.592,33	22%	176,59	0,0642	69965%	700,65	44,99
Cruzeiro	ago/92	189.123,22	27%	189,12	0,0688	54896%	549,96	37,82
Cruzeiro	set/92	259.860,55	27%	259,86	0,0945	43146%	432,46	40,87
Cruzeiro	out/92	423.983,74	25%	423,98	0,1542	34544%	346,44	53,41
Cruzeiro	nov/92	550.391,62	24%	550,39	0,2001	27742%	278,42	55,72
Cruzeiro	dez/92	867.005,83	24%	867,01	0,3153	22393%	224,93	70,92
Cruzeiro	jan/93	970.870,24	27%	970,87	0,3530	17655%	177,55	62,68
Cruzeiro	fev/93	1.147.732,00	26%	1147,73	0,4174	13965%	140,65	58,70
Cruzeiro	mar/93	1.505.594,88	28%	1505,59	0,5475	10882%	109,82	60,12
Cruzeiro	abr/93	1.541.264,00	28%	1541,26	0,5605	8458%	85,58	47,96
Cruzeiro	mai/93	2.142.885,00	32%	2142,89	0,7792	6380%	64,80	50,50
Cruzeiro	jun/93	2.792.860,00	30%	2792,86	1,0156	4873%	49,73	50,51
Cruzeiro	jul/93	4.056.066,00	32%	4056,07	1,4749	3660%	37,60	55,45
Cruzeiro Real	ago/93	6.077,00	33%	6077,00	2,2098	2719%	28,19	62,31
Cruzeiro Real	set/93	8.075,00	37%	8075,00	2,9364	1954%	20,54	60,32
Cruzeiro Real	out/93	11.198,00	35%	11198,00	4,0720	1421%	15,21	61,95
Cruzeiro Real	nov/93	15.138,00	37%	15138,00	5,5047	1014%	11,14	61,34
Cruzeiro Real	dez/93	20.790,00	36%	20790,00	7,5600	721%	8,21	62,07
Cruzeiro Real	jan/94	28.732,00	41%	28732,00	10,4480	481%	5,81	60,72
Cruzeiro Real	fev/94	42.928,00	43%	42928,00	15,6102	306%	4,06	63,34
Cruzeiro Real	mar/94	62.876,00	44%	62876,00	22,8640	182%	2,82	64,58
Cruzeiro Real	abr/94	105.521,00	40%	105521,00	38,3713	101%	2,01	77,31
Cruzeiro Real	mai/94	182.842,53	38%	182842,53	66,4882	46%	1,455	96,74
Cruzeiro Real	jun/94	302.016,37	46%	302016,37	109,8241	-	-	109,82

**APÊNDICE 2 – DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ DISPONIBILIZADOS PELA
COOXUPÉ DE 1994 À 1998 – TABELA COMPLETA**

Data	Preço	IPA - Mensal (%)	IPA - Acumulado	Fator de Deflacionamento	Preço deflacionado com base em Jun/94
jul/94	195,14	4,41%	4,41%	0,957762666	186,90
ago/94	171,03	4,40%	9,00%	0,91739719	156,90
set/94	180,19	1,79%	10,96%	0,901264555	162,40
out/94	157,68	2,71%	13,96%	0,877484719	138,36
nov/94	141,68	2,18%	16,45%	0,858763671	121,67
dez/94	130,25	0,17%	16,64%	0,85730625	111,66
jan/95	140,66	0,87%	17,66%	0,849912015	119,55
fev/95	135,89	0,58%	18,34%	0,845010952	114,83
mar/95	151,06	1,08%	19,62%	0,835982343	126,28
abr/95	145,98	1,99%	22,00%	0,819670892	119,66
mai/95	143,58	-2,03%	19,52%	0,836654988	120,13
jun/95	133,01	1,55%	21,38%	0,823884774	109,58
jul/95	128,50	2,24%	24,10%	0,805834091	103,55
ago/95	135,28	1,73%	26,24%	0,792130237	107,16
set/95	124,89	-2,42%	23,19%	0,811775197	101,38
out/95	121,84	-0,14%	23,01%	0,812913276	99,05
nov/95	122,34	1,49%	24,85%	0,800978693	97,99
dez/95	112,82	-0,61%	24,09%	0,805894651	90,92
jan/96	133,13	1,31%	25,71%	0,795473942	105,90
fev/96	149,81	0,47%	26,30%	0,791752704	118,61
mar/96	144,59	-0,07%	26,21%	0,792307319	114,56
abr/96	133,90	0,41%	26,73%	0,789072124	105,66
mai/96	141,97	1,34%	28,43%	0,77863837	110,54
jun/96	121,95	0,94%	29,64%	0,771387329	94,07
jul/96	101,63	1,38%	31,43%	0,760887087	77,33
ago/96	106,58	-0,05%	31,36%	0,761267721	81,14
set/96	112,72	0,41%	31,90%	0,758159268	85,46
out/96	111,90	0,24%	32,21%	0,756344042	84,63
nov/96	112,38	0,24%	32,53%	0,754533162	84,79
dez/96	117,35	1,21%	34,14%	0,745512462	87,49
jan/97	154,38	1,67%	36,38%	0,733266904	113,20
fev/97	188,83	0,34%	36,84%	0,730782245	137,99
mar/97	197,54	1,59%	39,02%	0,719344665	142,10
abr/97	212,58	0,53%	39,75%	0,715552238	152,11
mai/97	221,56	0,14%	39,95%	0,714551865	158,32
jun/97	209,94	0,24%	40,28%	0,712841047	149,65
jul/97	179,74	-0,09%	40,16%	0,713483181	128,24
ago/97	195,56	-0,15%	39,95%	0,714555014	139,74
set/97	205,50	0,92%	41,23%	0,708041036	145,50
out/97	192,15	0,41%	41,81%	0,705149922	135,49
nov/97	212,84	1,08%	43,35%	0,697615672	148,48
dez/97	212,85	0,87%	44,59%	0,691598763	147,21
jan/98	235,89	0,75%	45,68%	0,686450385	161,93
fev/98	233,53	-0,15%	45,46%	0,687481608	160,55
mar/98	201,63	0,13%	45,65%	0,686589042	138,44
abr/98	181,55	-0,28%	45,24%	0,688516889	125,00
mai/98	152,16	0,13%	45,43%	0,687622979	104,63
jun/98	137,13	0,17%	45,68%	0,686456004	94,13
jul/98	122,94	-0,61%	44,79%	0,690669086	84,91
ago/98	132,33	-0,04%	44,73%	0,690945464	91,43
set/98	117,13	0,06%	44,82%	0,690531145	80,88
out/98	113,77	-0,19%	44,54%	0,691845652	78,71
nov/98	123,76	-0,20%	44,25%	0,693232116	85,79
dez/98	135,04	1,74%	46,76%	0,681376171	92,01

**APÊNDICE 3 – CONVERSÃO E DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ
DISPONIBILIZADOS PELO CCCV DE 1990 À 1994 – TABELA COMPLETA**

Tipo de moeda	Data	Preço	IPA -	Conversão	Conversão para Real	Inflação	Fator Deflacionamento	Preço Final
		Nominal - CCCV	Var. Mensal (%)	para Cruzeiros Reais		acumulada 90 a 94		
Cruzado Novo	jan/90	841,06	73%	0,84106	0,000306	14477700%	144778,00	44,28
Cruzado Novo	fev/90	1.675,25	74%	1,675253333	0,000609	8320953%	83210,53	50,69
Cruzado Novo	mar/90	3.100,74	82%	3,10074	0,001128	4570902%	45710,02	51,54
Cruzeiro	abr/90	3.320,00	10%	3,320003333	0,001207	4156112%	41562,12	50,18
Cruzeiro	mai/90	3.495,15	10%	3,495153333	0,001271	3780681%	37807,81	48,05
Cruzeiro	jun/90	3.640,75	7%	3,64075	0,001324	3522804%	35229,04	46,64
Cruzeiro	jul/90	3.748,78	12%	3,748783333	0,001363	3157473%	31575,73	43,04
Cruzeiro	ago/90	3.660,73	13%	3,660733333	0,001331	2795449%	27955,49	37,21
Cruzeiro	set/90	4.967,54	11%	4,96754	0,001806	2517052%	25171,52	45,47
Cruzeiro	out/90	5.036,51	15%	5,036513333	0,001831	2196560%	21966,60	40,23
Cruzeiro	nov/90	5.095,00	18%	5,095	0,001853	1854717%	18548,17	34,36
Cruzeiro	dez/90	6.473,15	15%	6,47315	0,002354	1612784%	16128,84	37,97
Cruzeiro	jan/91	8.573,10	20%	8,5731	0,003117	1340396%	13404,96	41,79
Cruzeiro	fev/91	11.283,34	22%	11,28333667	0,004103	1102553%	11026,53	45,24
Cruzeiro	mar/91	12.915,79	7%	12,91578667	0,004697	1025815%	10259,15	48,18
Cruzeiro	abr/91	14.190,00	9%	14,19	0,005160	940761%	9408,61	48,55
Cruzeiro	mai/91	14.311,90	5%	14,31190333	0,005204	892134%	8922,34	46,43
Cruzeiro	jun/91	16.314,45	9%	16,31445	0,005933	820194%	8202,94	48,66
Cruzeiro	jul/91	16.118,12	12%	16,11811667	0,005861	729375%	7294,75	42,76
Cruzeiro	ago/91	16.701,82	16%	16,70181667	0,006073	630934%	6310,34	38,33
Cruzeiro	set/91	20.559,53	15%	20,55953	0,007476	547815%	5479,15	40,96
Cruzeiro	out/91	24.402,27	27%	24,40227	0,008874	430177%	4302,77	38,18
Cruzeiro	nov/91	28.088,33	26%	28,08833333	0,010214	342696%	3427,96	35,01
Cruzeiro	dez/91	39.871,79	22%	39,87179	0,014499	282036%	2821,36	40,91
Cruzeiro	jan/92	45.825,75	27%	45,82575	0,016664	221862%	2219,62	36,99
Cruzeiro	fev/92	55.041,67	25%	55,04166667	0,020015	176791%	1768,91	35,40
Cruzeiro	mar/92	74.808,77	20%	74,80877	0,027203	147715%	1478,15	40,21
Cruzeiro	abr/92	83.888,89	18%	83,88888667	0,030505	125380%	1254,80	38,28
Cruzeiro	mai/92	99.204,50	21%	99,2045	0,036074	103406%	1035,06	37,34
Cruzeiro	jun/92	112.980,67	21%	112,9806667	0,041084	85513%	856,13	35,17
Cruzeiro	jul/92	149.333,33	22%	149,3333333	0,054303	69965%	700,65	38,05
Cruzeiro	ago/92	166.539,68	27%	166,5396833	0,060560	54896%	549,96	33,31
Cruzeiro	set/92	218.016,67	27%	218,0166667	0,079279	43146%	432,46	34,29
Cruzeiro	out/92	354.317,57	25%	354,31757	0,128843	34544%	346,44	44,64
Cruzeiro	nov/92	454.716,67	24%	454,7166667	0,165352	27742%	278,42	46,04
Cruzeiro	dez/92	705.366,67	24%	705,3666667	0,256497	22393%	224,93	57,69
Cruzeiro	jan/93	866,47	27%	866,47	0,315079	17655%	177,55	55,94
Cruzeiro	fev/93	1.032,02	26%	1.032,02	0,375280	13965%	140,65	52,78
Cruzeiro	mar/93	1.142,32	28%	1.142,32	0,415390	10882%	109,82	45,62
Cruzeiro	abr/93	1.362,59	28%	1.362,59	0,495488	8458%	85,58	42,40
Cruzeiro	mai/93	1.839,17	32%	1.839,17	0,668790	6380%	64,80	43,34
Cruzeiro	jun/93	2.327,19	30%	2.327,19	0,846250	4873%	49,73	42,09
Cruzeiro	jul/93	3.561,06	32%	3.561,06	1,294931	3660%	37,60	48,68
Cruzeiro Real	ago/93	5.453,79	33%	5.453,79	1,983196	2719%	28,19	55,92
Cruzeiro Real	set/93	6.959,63	37%	6.959,63	2,530775	1954%	20,54	51,99
Cruzeiro Real	out/93	8.933,33	35%	8.933,33	3,248485	1421%	15,21	49,42
Cruzeiro Real	nov/93	12.666,67	37%	12.666,67	4,606061	1014%	11,14	51,33
Cruzeiro Real	dez/93	16.642,07	36%	16.642,07	6,051661	721%	8,21	49,69
Cruzeiro Real	jan/94	24.774,24	41%	24.774,24	9,008814	481%	5,81	52,36
Cruzeiro Real	fev/94	36.137,18	43%	36.137,18	13,140794	306%	4,06	53,32
Cruzeiro Real	mar/94	56.170,25	44%	56.170,25	20,425544	182%	2,82	57,70
Cruzeiro Real	abr/94	87.833,27	40%	87.833,27	31,939369	101%	2,01	64,35
Cruzeiro Real	mai/94	163.890,39	38%	163.890,39	59,596507	46%	1,455	86,71
Cruzeiro Real	jun/94	101,58	46%	101,58	0,036938	-	-	101,58

**APÊNDICE 4 – DEFLAÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ DISPONIBILIZADOS PELO
CCCV DE 1994 À 1998 – TABELA COMPLETA**

Data	Preço	IPA - Mensal (%)	IPA - Acumulado	Fator de Deflacionamento	Preço deflacionado com base em Jun/94
jul/94	151,12	4,41%	4,41%	0,957762666	144,73
ago/94	136,64	4,40%	9,00%	0,91739719	125,35
set/94	137,74	1,79%	10,96%	0,901264555	124,14
out/94	129,89	2,71%	13,96%	0,877484719	113,97
nov/94	107,77	2,18%	16,45%	0,858763671	92,55
dez/94	101,63	0,17%	16,64%	0,85730625	87,13
jan/95	112,40	0,87%	17,66%	0,849912015	95,53
fev/95	115,23	0,58%	18,34%	0,845010952	97,37
mar/95	131,14	1,08%	19,62%	0,835982343	109,63
abr/95	133,95	1,99%	22,00%	0,819670892	109,79
mai/95	131,67	-2,03%	19,52%	0,836654988	110,16
jun/95	124,13	1,55%	21,38%	0,823884774	102,27
jul/95	124,26	2,24%	24,10%	0,805834091	100,14
ago/95	128,35	1,73%	26,24%	0,792130237	101,67
set/95	119,05	-2,42%	23,19%	0,811775197	96,64
out/95	118,57	-0,14%	23,01%	0,812913276	96,39
nov/95	116,19	1,49%	24,85%	0,800978693	93,07
dez/95	104,34	-0,61%	24,09%	0,805894651	84,09
jan/96	126,00	1,31%	25,71%	0,795473942	100,23
fev/96	141,33	0,47%	26,30%	0,791752704	111,90
mar/96	139,00	-0,07%	26,21%	0,792307319	110,13
abr/96	133,67	0,41%	26,73%	0,789072124	105,47
mai/96	123,67	1,34%	28,43%	0,77863837	96,29
jun/96	108,00	0,94%	29,64%	0,771387329	83,31
jul/96	089,33	1,38%	31,43%	0,760887087	67,97
ago/96	098,00	-0,05%	31,36%	0,761267721	74,60
set/96	104,00	0,41%	31,90%	0,758159268	78,85
out/96	095,50	0,24%	32,21%	0,756344042	72,23
nov/96	091,33	0,24%	32,53%	0,754533162	68,91
dez/96	091,67	1,21%	34,14%	0,745512462	68,34
jan/97	120,50	1,67%	36,38%	0,733266904	88,36
fev/97	143,00	0,34%	36,84%	0,730782245	104,50
mar/97	139,50	1,59%	39,02%	0,719344665	100,35
abr/97	153,00	0,53%	39,75%	0,715552238	109,48
mai/97	155,00	0,14%	39,95%	0,714551865	110,76
jun/97	162,00	0,24%	40,28%	0,712841047	115,48
jul/97	150,00	-0,09%	40,16%	0,713483181	107,02
ago/97	155,00	-0,15%	39,95%	0,714555014	110,76
set/97	161,50	0,92%	41,23%	0,708041036	114,35
out/97	169,00	0,41%	41,81%	0,705149922	119,17
nov/97	168,00	1,08%	43,35%	0,697615672	117,20
dez/97	185,00	0,87%	44,59%	0,691598763	127,95
jan/98	208,00	0,75%	45,68%	0,686450385	142,78
fev/98	204,88	-0,15%	45,46%	0,687481608	140,85
mar/98	181,66	0,13%	45,65%	0,686589042	124,73
abr/98	163,28	-0,28%	45,24%	0,688516889	112,42
mai/98	136,00	0,13%	45,43%	0,687622979	93,52
jun/98	118,88	0,17%	45,68%	0,686456004	81,61
jul/98	110,07	-0,61%	44,79%	0,690669086	76,02
ago/98	118,69	-0,04%	44,73%	0,690945464	82,01
set/98	105,68	0,06%	44,82%	0,690531145	72,97
out/98	104,74	-0,19%	44,54%	0,691845652	72,46
nov/98	111,95	-0,20%	44,25%	0,693232116	77,61
dez/98	116,00	1,74%	46,76%	0,681376171	79,04